FABIAN FUKAN: AS DUAS FACES DO CRISTIANISMO JAPONÊS

Renata Cabral Bernabé[1]

Resumo: O início do século XVII foi repleto de mudanças nas vidas dos japoneses. A pacificação decorrente da consolidação do clã Tokugawa no poder, trouxe consigo uma série de novas regras, principalmente no tocante à religião. A proibição do cristianismo, assim como a expulsão dos missionários foi uma faceta importante da nova política. Neste artigo buscamos analisar duas obras de um mesmo autor, Fabian Fukan, que versam sobre o cristianismo: uma o defendendo e outra o atacando.

Palavras-chave: Cristianismo; Fabian Fukan; Japão; Século XVII; Tokugawa.

Abstract: The 17th century Japanese experienced many changes in their lives. The pacification derived from the consolidation of the Tokugawa clan, brought with it many new rules, especially concerning religion. The prohibition of the Christianity, as well as the missionaries' expulsion was an important facet of this new policy. In this article, we analyze two works by the same author, Fabian Fukan, about Christianity: one defending it and the other criticizing.

Keywords: Christianity; Fabian Fukan; Japan; XVIIth Century; Tokugawa.

1. Introdução

O primeiro contato documentado entre europeus e japoneses em território japonês se deu em meados do século XVI, através de alguns mercadores portugueses. Poucos anos após esse primeiro contato, o reino de Portugal já havia estabelecido uma rede comercial no extremo oriente da Ásia, incluindo o Japão, e financiava uma missão cristã chefiada e monopolizada – ao menos durante

---

1 Doutoranda bolsista Fapesp pelo programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); recabral31@gmail.com.

as primeiras décadas – pela Companhia de Jesus. Esta, já em 1549, enviara ao arquipélago três missionários, sendo dois padres – Francisco Xavier e Cosme de Torres – e um irmão – João Fernandes.

A missão cresceu muito nas décadas seguintes e, ao fim do século, o já tão atacado monopólio jesuítico no Japão acabou por ruir graças à entrada das ordens mendicantes, sendo a principal a dos franciscanos, que possuíam uma base nas Filipinas, sob o comando do reino de Espanha. A perda do monopólio da missão japonesa, assim como a montagem da missão em um território inexplorado até então pelos cristãos e que possuía um poder político constituído[2], não foi um processo fácil para os jesuítas e parte das discussões que essa situação engendrou já foram analisados pela autora previamente[3]. Ao fim do século XVI, a missão passou por outro percalço que foi a expulsão dos jesuítas do Japão, proclamada por Toyotomi Hideyoshi em 1587, e no século seguinte tornou-se ilegal, durante o governo do clã Tokugawa, até definhar completamente, pelo menos segundo aquilo que Roma entendia como 'missão'.

O fechamento do Japão aos reinos católicos da Europa, assim como a tentativa de eliminação de qualquer traço cristão que pudesse permanecer entre a população, a despeito da inexistência dos missionários, não fez com que o cristianismo deixasse de ter um papel importante na formação da sociedade japonesa durante a sua modernidade. A política anticristã permeou diversos aspectos da vida dos japoneses, desde o camponês pobre até o comandante militar, o xogum[4].

Partindo, portanto, desta premissa, iremos analisar dois tratados de autoria japonesa sobre o cristianismo: um o defendendo (*Myôtei Mondô*, 1605) e um o atacando (*Ha Daiusu*, 1620)[5]. A partir deles, procuraremos entender como se deu

---

2 Muito embora se possa alegar que à época da chegada dos primeiros jesuítas o Japão estava mergulhado em uma guerra civil por falta de um poder político capaz de apaziguar os grandes senhores de terra, os europeus jamais planejaram impor seu poder militar no território japonês, da forma que o fizeram na América, ou até mesmo em outras regiões da Ásia.

3 Ver: BERNABÉ, Renata Cabral. "O período Sengoku e a chegada dos jesuítas ao Japão". *Revista de Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 30, 2010, 133-144. E também: BERNABÉ, Renata Cabral, *A Construção da Missão Japonesa no Século XVI*, Dissertação (mestrado em História) – Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia Ciências Sociais e Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

4 Há uma extensa bibliografia que trata disso. Aqui podemos citar: BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan**, 1549-1650, Berkeley: University of California Press, 1951 (1967 printing); ELISON, George. **Deus Destroyed**: the image of Christianity in early modern Japan, Cambridge, 1973; HUR, Nam-lin. **Death and Social Order in Tokugawa Japan** – Buddhism, Anti-Christianity, and the Danka-System, Harvard University Asia Center, 2007; dentre muitos outros.

5 Para esse artigo foram consultados os trechos da obra de Fabian de 1605 traduzidos para o inglês por: BASKIND, James. 'The Matter of the Zen School': Fukansai Habian's Myotei Mondo and His Christian Polemic on Buddhism, **Japanese Journal of Religious Studies**, Julho, n. 1, 2012; PARAMORE, Kiri, Early

a compreensão de um japonês do cristianismo que foi trazido pelos missionários europeus. As duas obras têm a mesma autoria, o que quer dizer que seu autor tem uma trajetória de vida que inclui uma conversão ao cristianismo (lembrando que se trata de um japonês) e uma posterior apostasia.

2. Fabian Fukan – o cristão, o apóstata

Calcula-se que Fabian Fukan, o autor das obras acima citadas, tenha nascido por volta do ano 1565. Seu passado anterior à entrada na Companhia não está bem documentado, mas uma vez que Fabian possuía um alto grau de conhecimento acerca dos clássicos chineses e que nos arquivos do colégio de Nagasaki ele aparece inicialmente com o sobrenome de Unquio (utilizado frequentemente por monges zen), diversos historiadores afirmam que ele deve ter sido um aprendiz em um monastério zen[6] até sua conversão ao cristianismo, por volta dos 20 anos de idade.

No ano de 1586, ele entrou no colégio jesuíta de Nagasaki como *dógico* escolástico[7]. Havia outro tipo de *dógico*, que era o comum. O escolástico, por sua vez, era aquele aprendiz que tinha a pretensão de virar padre e, portanto tinha incluído em seus estudos o latim. Uma vez que os jesuítas exigiam um noviciado de dois anos antes que qualquer um pudesse entrar para a Companhia, é provável que a conversão de Fabian tenha se dado em 1584.

Em 1592, Fabian aparece nos registros jesuítas como residente do colégio de Amakusa e mestre em língua japonesa. Ele servia como intérprete para os membros da ordem e neste mesmo ano escreveu uma versão simplificada em alfabeto latino da clássica obra japonesa *Heike Monogatari* (Narrativas de Heike).

Japanese Christian Thought Reexamined, **Japanese Journal of Religious Studies**, ano/vol: 35/2, Nanzan Institute for Religion and Culture, 2008, p. 231-262; SCHEID, Berhard e TEEWEN, Mark. Tracing Shinto in the History of Kami Worship. **Japanese Journal of Religious Studies**, 29/3-4, 2002, p. 195-207; e SCHRIMPF, Monica. The Pro and Anti-Christian Writings of Fukan Fabian (1565-1621). **Japanese Religions**, Vol. 33 (N° 1 & 2), p. 35-54. Para a obra de 1620 foi consultada sua tradução integral para o inglês feita por ELISON, George, *op. cit.*

6 Vide: BASKIND, James. 'The Matter of the Zen School': Fukansai Habian's Myotei Mondo and His Christian Polemic on Buddhism, **Japanese Journal of Religious Studies**, Julho, no 1, 2012; ELISON, George. *Op. Cit.*; PARAMORE, Kiri, Early Japanese Christian Thought Reexamined, **Japanese Journal of Religious Studies**, ano/vol: 35/2, Nanzan Institute for Religion and Culture, 2008, p. 231-262; SCHEID, Berhard e TEEWEN, Mark. Tracing Shinto in the History of Kami Worship. **Japanese Journal of Religious Studies**, 29/3-4, 2002, p. 195-207; SCHRIMPF, Monica. The Pro and Anti-Christian Writings of Fukan Fabian (1565-1621). **Japanese Religions**, Vol. 33 (N° 1 & 2), p. 35-54.

7 Dógico era a palavra que os jesuítas utilizavam para denominar seus ajudantes e aprendizes japoneses. É uma referência ao *dojoku* – aprendizes dos monastérios budistas.

Em 1603, ele se mudou para a residência jesuíta de Quioto, local onde escreveu sua obra cristã – *Myôtei Mondô* – que ficou pronta em 1605. Fabian ficou amplamente conhecido neste período como carismático orador e representante dos jesuítas nos debates com figuras confucionistas e budistas, sendo o mais famoso destes debates aquele que está relatado na obra *Hai Yaso*, de Hayashi Razan, um profundo conhecedor do neoconfucionismo Sung, ocorrido em 1606.

A reputação construída neste período perseguiu Fabian mesmo após sua apostasia, que deve ter ocorrido por volta do ano de 1608, ou 1609. Em 1620, ele escreveu sua obra anticristã, *Ha Daiusu* – uma refutação do seu passado cristão e da sua obra *Myôtei Mondô*. Em *Ha Daiusu*, Fabian afirma ter apostatado em 1605, o que seria impossível, pois em 1606 ele teve a disputa com Razan e em 1607 viajou com o provincial Francesco Pasio e o padre João Rodrigues (conhecido por Tçuzu por ter servido como intérprete entre os comerciantes europeus e autoridades japonesas) para uma audiência com Ieyasu e Hidetada Tokugawa[8]. Nos documentos jesuíticos essa foi a última ocasião em que Fabian apareceu como *persona grata*. A seguinte menção ao seu nome nos documentos jesuítas se deu em 1616, numa carta de Jeronimo Rodrigues ao Geral da Companhia, já como um apóstata (ELISON, 1973).

A razão alegada pelo próprio Fabian para ter abandonado a fé cristã foi o ressentimento diante do tratamento recebido por parte dos jesuítas, assim como a frustração de não ter conseguido tornar-se padre. O historiador George Elison fala de uma outra provável razão: numa carta de Matheus Couros ao Geral em 15 de março de 1621 o padre cita Fabian, que teria abandonado a Companhia há treze anos, juntamente de uma mulher.

3. *Myôtei Mondô* – o Fabian cristão

Mondô (問答) em japonês quer dizer diálogo. Myôtei Mondô é, portanto, o diálogo que se dá entre duas mulheres: Myôshu e Yûtei. Ambas são viúvas que perderam seus maridos na guerra. Myôshu é budista, da seita Jôdô, e Yûtei cristã. Pode ser que não se trate de personagens meramente fictícias, mas pessoas que Fabian tenha encontrado em seu trabalho evangélico. Contudo, isso não passa de conjectura.

A obra é dirigida a um leitor não cristão. Em um posfácio do livro, Fabian afirma que o escreveu com o intento de auxiliar senhoras de qualidade e viúvas que

8 Tokugawa Ieyasu (1543-1616), primeiro xógum da Era Edo (1603-1868). Tokugawa Hidetada (1579-1632), filho de Ieyasu e segundo xógum da Era Edo.

não poderiam inquirir devidamente os homens, ainda que sejam padres, para saber detalhes da doutrina cristã. Contudo, o livro não era dirigido somente a mulheres e a prova de que nem os jesuítas assim enxergavam é que em 1607 ele foi dado de presente a Kozuke Honda, servidor do xógum Hidetada.

Essa obra é de grande valor histórico, pois não se trata apenas de uma recomendação do cristianismo, mas também de um demonstrativo daquilo que Fabian via como sistema ético do mesmo, ou seja, como o cristão deveria agir no mundo seguindo os ensinamentos da religião. Assim, serve como uma valiosa pista do entendimento de um japonês do que é ser cristão neste mundo.

A obra de Fabian está dividida em três partes[9], da seguinte maneira:

1. Refutação do Budismo
a. Prefácio
b. Sobre a questão do estabelecimento dos Três Mundos de acordo com Buda
c. Sobre o período anterior à iluminação e do nascimento de Sakyamuni
d. Sobre as Oito Escolas
e. Sobre a Escola Hosso
f. Sobre a Escola Sanron
g. Sobre a Escola Kengon
h. Sobre a Escola Tendai (e a Escola Nichiren)
i. Sobre a Escola Shingon
j. Sobre a Escola Zen
k. Sobre a Escola Terra Pura (e a Escola Ikkō)
2. Dividido em duas sessões:
a. Sobre o Confucionismo
b. Sobre o Xintoísmo
3. Exposição das verdades cristãs
a. Breve resumo introdutório
b. Quatro proposições
c. Uma apologia

9 Estrutura retirada de PARAMORE, Kiri, *Op. cit.*, p. 237.

A última parte, dedicada ao cristianismo, é a mais longa de todas. Mas deve-se dizer que a outra obra cristã japonesa, já citada aqui anteriormente, não possui uma sessão dedicada às religiões e sistemas de pensamento vigentes no Japão. Além disso, nessas partes é que Fabian demonstra todo o seu conhecimento acerca das religiões japonesas.

Para o historiador Elison, a obra possui um propósito triplo: assegurar a necessidade lógica de um Criador, personalizado, fonte de todo o universo, vis-à-vis ao Vazio do budismo, taoísmo e confucionismo; desmitificar o budismo e xintoísmo e demonstrar a superioridade da moralidade cristã de responsabilidade derivada de um lócus extraterreno (ELISON, 1973).

O principal argumento utilizado por Fabian para provar a superioridade do cristianismo perante as religiões e sistema de pensamento vigentes no Japão seria a capacidade deste em prover uma maior esperança numa vida após a morte, o que equivaleria à salvação eterna.

Fabian fundamenta tal proposição principalmente na ideia de *anima rationalis*, que introduz com maestria na sua argumentação a favor do cristianismo. O *anima rationalis* seria a dimensão eterna do homem e o que o diferenciaria dos outros animais. Em suas palavras: "*Devido a essa característica humana temos acesso a uma alma imortal, podemos distinguir entre certo e errado e entendemos a natureza das coisas*" (FUKAN, apud: PARAMORE, 2008: 240, tradução nossa).

Segundo Fabian, a natureza de algo pode ser reconhecida pela sua função. Os animais possuem a faculdade de sentir, assim como os seres humanos; contudo, sua (dos animais) função não vai além das suas necessidades físicas. Já o Homem, para além da função do sentir, possui outra que é saber o princípio das coisas (理を知る). Isso nos asseguraria o acesso a uma outra vida, que seria eterna. Contudo, para que se possa passar esta vida eterna no paraíso seria necessário cumprir com alguns requisitos, que são oferecidos aos cristãos. Nas palavras do próprio Fabian:

> Para entrar na rota da assistência à salvação, nos ensinamentos cristãos toma-se o que é chamado de batismo. Se apenas tomar esse sacramento, seguir os dez mandamentos da religião e respeitar e reverenciar Deus, pode-se ficar tranquilo e certo do acesso ao Paraíso (FUKAN, apud: PARAMORE, 2008: 246, tradução nossa).

O cristianismo aparece assim de forma simples e acessível a qualquer um, além, é claro, de oferecer um benefício exclusivo.

Fabian, em sua defesa do cristianismo, não se detém na ideia de salvação após a morte, mas também fala dos benefícios terrenos com que o cristão é abençoado durante sua vida. Ao fazer isso, ele integra a terminologia da religiosidade

japonesa em seus argumentos, pois não critica a busca por benefícios terrenos, mas, ao contrário, afirma que o Deus cristão é muito mais capaz de providenciar tais benefícios do que budas ou kamis.

Esse é um grande diferencial de Fabian, pois embora critique duramente as religiões praticadas no Japão, como iremos expor posteriormente, ele busca integrar o cristianismo dentro do sistema de valores já existente entre os japoneses.

O autor, contudo, não poupa críticas ao budismo, ao xintoísmo e nem mesmo ao confucionismo, os quais busca esvaziar de sentido principalmente atacando a base de legitimação das suas verdades.

A principal crítica que Fabian dirige a essas doutrinas é a descrença em uma alma imortal e em um Criador pessoal. Se não há nada após a morte, o sistema ético – que ele chega até mesmo a elogiar no caso do confucionismo e afirmar que é muito parecido com o cristão – cai em descrédito, pois a base moral da responsabilidade seria extinta, uma vez que nenhuma recompensa era investida na alma imortal. Em relação ao confucionismo, esta era a única crítica que Fabian coloca. Não é, portanto, uma refutação do pensamento em si, mas da falta da existência de um criador.

Para o caso do xintoísmo, Fabian afirma que este não passa de uma paráfrase das teorias confucionistas do *Yin* e *Yang*. Contudo, uma vez que estes seriam uma espécie de matéria-prima, a partir da qual tudo seria feito no mundo, não são seres providos de vontade nem consciência e, portanto, seriam incapazes de gerar qualquer coisa. Assim sendo, toda a teoria do xintoísmo ficaria comprometida, já que ela carece de um fundamento que a estruture.

No capítulo que trata do budismo, Fabian demonstra ter um profundo conhecimento da doutrina de diversas escolas budistas. Sua grande crítica, neste caso, recai sobre a natureza de Buda, que seria humana e não divina. Desta forma, o budismo não seria capaz de oferecer um conceito razoável de salvação para a vida eterna. Afinal, como humanos poderiam ajudar a salvar outros humanos? Além disso, a inexistência de um ente divino levaria a uma degradação moral de seus seguidores, pois as pessoas não se preocupariam em fazer boas ações, já que não haveria quem as recompensasse, e nem hesitariam em cometer pecados, pois não haveria quem as punisse.

Outra crítica que Fabian faz ao budismo, que também demonstra seu profundo conhecimento acerca da doutrina, diz respeito a conceitos extremamente complexos, como os de Vazio (空く) e Nada (無む). Nosso autor vê esses dois conceitos de forma niilista, como uma negação de tudo. Em suas palavras:

> *Na análise final, significa que as coisas embora pareçam existir, elas na verdade estão vazias. O ensinamento dos vinte e oito patriarcas [indianos] inicia com esse*

> *conceito, assim como os ensinamentos dos seis patriarcas da China.* (...) *As Cinco Casas e sete Escolas [do Zen] postulam um entendimento do princípio do vazio da mente como central. Não é o budismo uma doutrina muito estranha mesmo?* (FABIAN, apud: ELISON, 1973: 342, tradução nossa)

Fabian sabe qual a defesa budista para tal crítica. Myôshu, uma de suas personagens, afirma que: *O vazio do vácuo descreve algo inexistente, mas o vazio da Natureza de Buda, que é a natureza de nossa mente, realmente existe* (FABIAN, apud: ELISON, 1973: 343, tradução nossa). Mas Fabian não se demonstra satisfeito com tal tipo de explicação e rebate, pela boca de Yûtei, que na realidade ambos os conceitos são iguais e as pessoas simplesmente temem dizer isso.

A riqueza da obra cristã de Fabian Fukan está em procurar fazer uma defesa do cristianismo perante as outras religiões e doutrinas presentes no Japão de então através de argumentos racionais. Ele insiste em dizer que a base de seus argumentos para uma crença exclusiva no cristianismo é a razão 道理（どうり）ou #.>& G \ ~>.E é através dela que ele desenvolve a defesa cristã no Myôtei Mondô. Nesta obra, ele critica a crença em algo pelo simples argumento da tradição. Em suas palavras: "*Pensar que algo deve ser acreditado pois um Buda o ensinou, ou as palavras de um patriarca devem ser verdadeiras, e portanto não inquirir a respeito, é insensatez da velha escola. (...) é não utilizar a inteligência* ! 9O ^%- (." (FABIAN, apud SCHRIMPF, 2008: 47, tradução nossa)

4. Ha Daiusu – o Fabian apóstata

Cerca de 11 anos após a sua apostasia, em 1620, Fabian decidiu escrever uma obra de crítica ao cristianismo e intitulou-a como "Deus Destruído". Fabian construíra uma fama bastante notável como jesuíta japonês e apologista cristão. Muito provavelmente, esta sua obra buscou, em parte, apagar um pouco desta imagem que ele construiu enquanto membro da Companhia de Jesus no Japão.

A obra está dividida em nove partes: um prefácio, no qual ele explica suas intenções e fala um pouco da sua trajetória pessoal, sete passos (que ele afirma ser necessário serem trilhados por aqueles que querem entrar para a "seita de Deus") e suas respectivas refutações e, por fim, um capítulo intitulado "Uma conversa Noturna", no qual ele acrescenta alguns pontos que considera importantes.

Sua justificativa e objetivo da obra é:

> *Porque os seguidores de Buda não se questionam acerca dessas questões não são capazes de derrotar essa seita. Porque nossos sacerdotes não são familiares com essas questões, não são capazes de subjugar os aderentes desse culto e expulsá-los*

> *daqui. E por isso, a doutrina maldita cresceu dia a dia; a maldade prosperou por meses – quantos anos se passaram então!* (FABIAN, apud ELISON, 1973: 259, tradução nossa)

Daqui pode-se inferir que as refutações ao cristianismo, principalmente de inspiração budista, não estavam se provando satisfatórias. Na opinião do Fabian apóstata, isso se devia ao fato de os sacerdotes budistas serem ignorantes, ao menos de uma forma mais aprofundada, acerca da doutrina cristã.

É interessante notar aqui que as únicas obras de refutação ao cristianismo de inspiração budista e que temos acesso hoje são: *Taiji Jashû-ron* ("Refutação dos ensinos malignos"), de Sessô So'sai, datada de 1648,[10] e *Ha Kirishitan* ("Destruição do Cristianismo"),[11] do monge zen budista Suzuki Shôsan. Podemos levantar várias hipóteses para explicar tal ausência, como: falta de necessidade – a maioria dos monges budistas poderia não ver razão para dispender tempo na confecção de tais obras –, falta de incentivo por parte das autoridades, entre outras. Contudo, o que Fabian exalta na introdução de sua obra é uma falta de capacidade devido a uma falta de esclarecimento, o que ele pretende dirimir, já que se sente capacitado para tal, com esta sua obra.

Nos sete capítulos seguintes Fabian expõe os sete passos que ele diz serem necessários a qualquer pessoa que decidir abraçar a fé cristã. Após explicá-los sucintamente, ele faz uma resposta rebatendo a doutrina, que em muitos casos se dá na forma de um diálogo entre ele mesmo e "os aderentes de Deus". A escolha do formato diálogo se deu provavelmente numa tentativa de tornar seu texto mais didático e preparar melhor os budistas para rebater os argumentos que os cristãos utilizavam com frequência em suas disputas com os japoneses.

Os chamados sete passos versam sobre importantes dogmas da doutrina cristã assim como parte de sua história, como a criação do homem, a caída do Paraíso, o retorno de Deus como Jesus e, por fim, os Dez Mandamentos (que ele nomeia como o sétimo passo). Em suas respostas, Fabian recorre, por vezes, às explicações do budismo e xintoísmo para rebater a doutrina cristã. Contudo, o grande diferencial da obra de Fabian (perante todas as outras obras japonesas de refutação ao cristianismo do século XVII) é a habilidade de conseguir construir uma crítica interna à doutrina, ou seja, expondo certas incongruências existentes na mesma, ao menos na forma em que ela era repassada na missão em questão.

---

10 Sessô Sosai, *Taiji Jashû Ron* (1648). Parte da obra foi traduzida para o inglês e publicada em: SANTOS, José Miguel Pinto dos. *Op. cit*. A versão original completa em japonês foi editada por Kiyû Dônin e se encontra da coleção *Hekijakan Kenroku* (Edo, 1861).

11 O tratado foi traduzido para o inglês e publicado inteiramente por George Elison. In: ELISON, George. *Op. cit.*

A obra é recheada de exemplos desse tipo e Fabian os coloca de forma irônica, de forma a entreter o leitor. Escolhemos aqui dois desses exemplos. O primeiro é dado quando ele fala do terceiro passo, que seria a asserção de que Deus é substância divina e está presente em tudo; Fabian fala da criação de seres celestiais – que são os anjos – e da história da queda de Lúcifer. Fabian então se questiona: se Deus é *sapientíssimo*, ele sabia que um anjo cairia; por que então os criou? Por que não se certificou de que isso não acontecesse? Neste caso, então, ele teria sido maldoso ao se divertir com tal situação.

O segundo exemplo que escolhemos é aquele colocado no sexto passo – que seria o reconhecimento da vinda de Deus à Terra, na forma de Jesus, como forma de expiação pelos pecados cometidos pelos homens, a começar pelo de Adão e Eva. Fabian afirma que os padres ensinavam que a vinda de Jesus se dera 5000 anos após a criação do mundo. Neste caso, todos os seres humanos que viveram durante esse tempo, antes da chegada do Cristo, não tiveram seus pecados expiados e foram diretamente para o inferno? Qual seria então a Misericórdia de um Deus que faz isso?

Para além de uma certa ironia das palavras do autor, é extremamente interessante notar como ele é capaz de construir uma crítica elaborada (graças à sua experiência como jesuíta) e ao mesmo tempo simples, que surge de questões internas à doutrina cristã e não no seu confronto com esta ou aquela religião ou sistema de valores.

O sétimo e último passo era o reconhecimento e obediência aos Dez Mandamentos. Nele, está a grande pista da mudança de postura de Fabian Fukan, do *Myôtei Mondô* para o *Ha Daiusu*. Se na sua obra cristã os mandamentos são colocados como prova da superioridade da moralidade cristã de responsabilidade, derivada de um lócus extraterreno, em *Ha Daiusu* os mandamentos são colocados como algo que não era exclusivo de cristianismo, com exceção do primeiro – amar a Deus sobre todas as coisas – colocado, desta vez, como elemento que urge à desobediência civil (uma vez que deve-se amar mais a Deus do que seu senhor ou seu pai).

5. Um comparativo das obras e considerações finais

O historiador George Elison afirma que as duas obras possuem um proposto triplo exatamente um ao reverso do outro. Se no *Myôtei Mondô* buscava-se, como já foi colocado anteriormente, afirmar a necessidade lógica de um Criador, desmistificar o budismo e o xintoísmo e demonstrar a superioridade da moralidade cristã, no *Ha Daiusu* a tentativa era, ao reverso, afirmar a primazia do imanente e de explicações impessoais da fonte do Universo, desmistificar o

cristianismo e demonstrar a contradição entre os princípios da reestruturação feudal da sociedade japonesa e a dependência cristã sobre uma esfera de justificação além da terrestre.

Tais propósitos ficam bem claros ao se ler as obras. E, ao fazer a análise concomitante de ambas, fica bem claro que a grande mudança na postura de Fabian não se dá na natureza de sua argumentação – ambas fundamentadas na lógica e razão – mas sim na função que o autor dá àquilo que entende como religião. Nas palavras de Monica Schrimpf: "(...) no *Myôtei Mondô* ele assume que a função de uma religião é providenciar salvação individual, enquanto em seu tratado anticristão a religião deve sustentar a ordem política e social" (SCHRIMPF, 2008: 50, tradução nossa). Essa postura, entretanto não é exclusiva de Fabian. Em outro trecho do mesmo artigo Schrimpf coloca que:

> Uma vez que ambos os tratados intencionavam persuadir, não podem ser interpretados como indicadores da religiosidade pessoal de Fabian. Devem ser considerados como demonstrações de um ponto de vista particular, isto é, como meio de definir sua posição no ajuste social cristão e anticristão de seu tempo. (SCHRIMPF, 2008: 48, tradução nossa)

A afirmação soa bastante categórica, principalmente no tocante à posição pessoal de Fabian. Contudo, o que realmente interessa para os historiadores não é simplesmente a definição da religiosidade pessoal de uma personagem histórica, mas sim a importância que isso tem dentro do ajuste do seu tempo, no seu contexto. Fabian modificou seu entendimento da função da religião e demonstrou com isso um perfeito entendimento do "ajuste social cristão e anticristão de seu tempo", como coloca Schrimpf. A tentativa de extirpar o cristianismo do Japão – baseada num medo cada vez mais concreto das consequências que tal religião poderia trazer[12] – assim como a instrumentalização do budismo como forma de controle social (seja no auxílio à política anticristã do xogunato seja na simples tentativa de manter a população vigiada[13]) foram marcas da política de afirmação e consolidação do clã Tokugawa no século XVII.

---

12 Lembrando que esse temor virou realidade em 1637, com a rebelião camponesa de Shimabara, que ficou conhecida como uma revolta cristã, por ter contado com a participação de milhares de cristãos camponeses que carregavam cruzes e flechas com dizeres cristãos pendurados. Sobre esta revolta ver: ELISON, George. *Op. Cit.*; YUKIHIRO, Ôhashi. The Revolt of Shimabara-Amakusa. **Bulletin of Portuguese-Japanese Studies**, vol. 20, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010, p. 71-80.

13 Não discutiremos no presente artigo sobre tal instrumentalização do budismo, embora o tema se prove de grande importância e interesse. Recomendamos, sobre o assunto o fantástico livro de Nan-lin Hur. Referência: HUR, Nan-lin, *Death and Social Order in Tokugawa Japan: Buddhism, Anti-Christianity, and the Danka System*, Cambridge, MA: Harvard University Asia Center, 2007.

A trajetória de Fabian é ilustrativa do contexto político pelo qual o Japão passava naquele momento e encena em grande parte a tragédia cristã da era Edo. No século XVII, o livre-arbítrio dos cristãos japoneses só pôde ser exercido na estreita escolha entre o martírio e a apostasia. Fabian percorreu o segundo caminho e sua escolha nos serve para tentar compreender, mais do que sua experiência pessoal, o contexto social resultante desta política do clã Tokugawa. É neste sentido, igualmente, que buscamos analisar suas obras *Myôtei Mondô* e *Ha Daiusu*.

Bibliografia

ANDRÉ, Richard. Xintoísmo e culto aos kami: Aproximações e Distanciamentos. **Revista Nures**, N. 9, maio-dezembro 2008, São Paulo. Disponível em http://www.pucsp.br/revistanures (acesso em 01.Março.2012).

BASKIND, James. 'The Matter of the Zen School': Fukansai Habian's Myotei Mondo and His Christian Polemic on Buddhism, **Japanese Journal of Religious Studies**, número 39/2, Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, 2012.

BERNABÉ, Renata Cabral. **A Construção da Missão Japonesa no Século XVI.** Dissertação (mestrado em História) – Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan, 1549-1650**, Berkeley: University of California Press, 1951 (edição de 1967).

ELISON, George. **Deus Destroyed: the image of Christianity in early modern Japan**, Cambridge, 1973.

Fabian Fukan. *Myōtei Mondō*. 1605. In: EBISAWA, Arimichi. **Nanbanji Kōhaiki, Jakyō taii, Myōtei Mondō, Ha Daiusu**, Tōyō Bunko, Vol. 14, Tokyo: Heibonsha, 1971, p. 120-270.

_____, *Ha Daiusu*. 1620. In: ELISON, George. **Deus Destroyed: the image of Christianity in early modern Japan**, Cambridge, 1973, p. 321-374.

HALL, John Whitney (Ed.). **The Cambridge History of Japan**, vol. 4, Cambridge University Press, 1990.

HUR, Nan-lin, **Death and Social Order in Tokugawa Japan**: Buddhism, Anti-Christianity, and the Danka System, Cambridge: Harvard University Asia Center, 2007.

KURODA, Toshio. The discourse on the 'Land of Kami' (shinkoku) in Medieval Japan. **Japanese Journal of Religious Studies**, (Tradução Fabio Rambelli), 23/3-4, Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, p. 353-385.

ORII, Yoshimi. Interacción Dogmática: Libros Espirituales Traducidos del Español al Japonés en el siglo Ibérico de Japón. In: WILDE, Guilhermo (Ed.). **Saberes de la Conversión: Jesuítas, Indígenas e Imperios Coloniales en las Fronteras de Cristandad**, Buenos Aires: Editorial SB, 2011, p. 489-504.

PARAMORE, Kiri, Early Japanese Christian Thought Reexamined, **Japanese Journal of Religious Studies**, volume: 35/2, Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, 2008, p. 231-262.

SANTOS, José Miguel Pinto dos. A 17th century Buddhist treatise refuting Christianity. **Bulletin of Portuguese/Japanese studies**, junho, número 7, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2002, p. 91-110.

SCHEID, Berhard e TEEWEN, Mark. Tracing Shinto in the History of Kami Worship. **Japanese Journal of Religious Studies**, 29/3-4, Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, 2002, p. 195-207.

SCHRIMPF, Monica. The Pro and Anti-Christian Writings of Fukan Fabian (1565-1621). **Japanese Religions**, volume 33 (N° 1 & 2), Kyoto: Center for the Study of Japanese Religions, p. 35-54.

WELTER, Albert. Zen Buddhism as the Ideology of the Japanese State: Eisai and the Kōzen Gokokuron, In: HEINE, Steven e WRIGHT, Dale S. **Zen Classics** – Formative texts in the History of Zen Buddhism, Oxford University Press, 2006.

YUKIHIRO, Ôhashi. The Revolt of Shimabara-Amakusa. **Bulletin of Portuguese-Japanese Studies**, volume 20, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010, p. 71-80.